

MÚLTIPLOS OLHARES, DIVERSAS MEMORIAS E UMA CIDADE: SOBRAL.

Luciana de Moura Ferreira¹

RESUMO

As cidades se projetam, através de suas paisagens e da ação cotidiana dos que nela vivem ou por elas são atraídos. Há várias maneiras de delinear um perfil urbano, dependendo das fontes disponíveis e da argúcia do olhar de quem as observa. Nessa perspectiva, o artigo trata de uma análise da história cultural de uma cidade, através de fontes reveladoras – o álbum do seu centenário, os depoimentos de pessoas singelas, a vigilância eclesiástica, buscando compreender as ações e as contradições, observadas através de múltiplos olhares.

Palavras-chave: Memória Social; Imagens Urbanas; Patrimônio Material e Imaterial.

ABSTRACT

Cities are projected through its landscapes and everyday actions of those who live in it. There are many ways to Picture an urban profile. It depends on available resources and the perspective adopted by who observes it. In this sense, an analysis of the cultural history of a city by revealing sources v- the album of his centenary, the testimony of simple persons, surveillance ecclesiastical – allow us to understand the actions and the contradictions observed with multiple looks.

Keywords: Social Memory; Urban Images; Tangible and Intangible Heritage.

Estudar a cidade é percorrer suas ruas, sua arquitetura, seu coração que está ao lado dos seus primórdios, em contato com as origens, o centro fundador, de onde emana sua história. O centro representa o núcleo de origem, portador do traçado original onde estão instituídos os prédios mais antigos, que servem como referencial para o passado e para a instituição da política, da religiosidade, dos espaços de “sociabilidades e de sensibilidades” (PESAVENTO, 2007, p.15).

Pensar a centralidade urbana é pensar a cidade com dimensões estruturais e simbólicas, constituídas através dos espaços físicos, das experiências, instituindo ideias que se materializam, ganham espaço no concreto e tornam-se monumentos da relação homem/cidade. Ao longo das transformações ocorridas em uma cidade, residem escolhas políticas sobre o que transformar, o que destruir, o que manter. Surgem questões: qual a cidade desejada? Quem desejava esta cidade? Como ela era transformada a partir destes

¹ Mestre em História pela Universidade Estadual do Ceará – UECE – Programa de Pós- Graduação em História - MAHIS. Professora Colaboradora do Curso de História da Universidade Estadual do Vale do Acaraú – UEVA.

desejos? Como esses desejos são representados por seus habitantes? Como eles ganham o caráter de verdade na construção de seus espaços?

E tais espaços reforçam a convicção de que cabe a nós historiadores, esmiuçar e significar através do olhar sobre as possibilidades oferecidas pela história cultural, a fim de percorrer novos caminhos historiográficos que dialoguem com outras áreas de conhecimento, como fotografias e a memória, cuja diversidade de informações traz um objetivo comum, o interesse pela produção de sentidos, deixando aflorar por meio de indícios, de fontes, uma diversificada gama de espaços a serem explorados.

Desse modo, entre memórias e imagens, encontramos o aval de pertencimento à História Cultural e a opção de inserção nos seus campos de atuação, talvez não apenas pela busca de uma corrente historiográfica, mas por uma afinidade de construção de objetos e de formas de trabalhá-los através de representações, o ponto de inserção nesta nova perspectiva teórico-metodológica.

Engajando-nos nessa perspectiva, pensou-se sobre nossa área de estudo, história urbana, o seu encaixe nas práticas cotidianas e nos questionamentos em que afinal afloram as representações; como são produzidas e como são interpretadas nos espaços em que circulam e foram construídas. Com isso nos preocupamos ao recortar temporal e espacialmente, como plano de estudo da pesquisa, a cidade de Sobral na década 1940. Esse foi o momento de epifania com a organização das festividades do primeiro centenário, período profícuo à produção de representações e de memórias a serem instituídas como tradição, as quais ganharam destaque na elaboração de um álbum, em que estão representadas as ideologias e as imagens sobre a cidade, fruto da ideologia de seus organizadores. Eram as memórias que queriam e deveriam ser lembradas e celebradas naquele momento.

1. A cidade e o jornal Correio da Semana: desejos da cidade ideal.

As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que as “suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa”. (CALVINO, 1990, p.44) As transformações, a busca pelo progresso e a ampliação da zona urbana apresentam diversas razões por parte de quem interfere nos espaços urbanos. Interferir na cidade e no seu desenvolvimento significa também construir em torno

de si uma ideia de continuidade e de registro pessoal na história. Todas as cidades instituíram seus heróis, seus percussores rumo ao desenvolvimento e à civilização.

A cidade é construída a partir dos desejos do homem, que vai em meio às práticas cotidianas, dando forma, estabelecendo normas, construindo representações e instituindo cidades, ultrapassando os espaços do concreto e penetrando nas cadeias do imaginário.

Olhar as cidades, através das representações, do imaginário, é mergulhar em um mundo a ser interpretado; é conhecer a história que ainda não foi escrita; é percebê-las através das descrições que nos fazem os seus observadores; assim será “possível percorrê-las com o pensamento” e descobrir seus desejos e pesadelos escondidos”.

Sobral é uma cidade peculiar no Estado do Ceará, distante da capital, Fortaleza, a 230 km. No início chamara-se Caiçara; logo depois a fazenda tornou-se cidade e já neste momento apresentava uma pequena estrutura urbana com 14 ruas, 14 becos, seis travessas e algumas praças, que logo seriam dotadas de iluminação e também passariam pelo planejamento urbano, dando sinais do desejo de progresso, como bem observa Antônio Bezerra:

A edificação é compactada no centro, com alguns intervalos na rua dos arredores. As ruas em geral são estreitas e tortuosas, mas entre elas há algumas largas e alinhadas. A maior parte das casas e sobrados são vistosos e elegantes, sendo uma construção admiravelmente sólida. (BEZERRA, 1956, p. 306)

Ainda no século XIX, o autor impressionou-se com a estrutura urbana que a pequena cidade já apresentava. No seu registro fica subtendida a surpresa com as construções e a ostensividade e sua descrição mostra o desejo de desenvolvimento da cidade através do ecletismo das ruas, a peculiaridade de suas casas e do seu desenvolvimento.

O olhar do outro apresenta a cidade como surpresa. Inserida no sertão, Sobral despontava rumo a uma urbanização, mesmo que precária e mal aplicada, já pensava na reordenação de seus espaços, suas construções eram “sólidas” e simbolizavam o desejo de permanência do traçado urbano e preservação de sua arquitetura. Percebemos na afirmação do autor o desejo de fixação de urbanização e fixação no espaço.

Sobral construiu desde seu surgimento uma representação sobre si mesma, representação esta que, por ser construída por seus habitantes, não é falsa. São construções imaginárias, fundamentadas por traços, hábitos, experiências individuais e coletivas, delineando a transformação dos espaços. Assim, dão continuidade às tradições, fortalecendo o sentimento de pertencimento a esse espaço, apesar de não ser essa a cidade encontrada nos

jornais, nos quais eram veiculadas, lado a lado, notas de reclamação e de louvor às obras que estavam sendo realizadas nesse momento.

Motivados pelas possibilidades oferecidas pelo que a imprensa nos oferece para compreender “a vida cotidiana nela registrada em seus múltiplos aspectos” (CAPELATO, 1994, p. 21), onde surgem tanto os sujeitos “ilustres” quanto os “anônimos”, fomos levados a pensar sobre a representação da cidade no jornal *Correio da Semana*. Afinal, sendo um órgão manipulador de “interesses e intervenção social”, era o construtor das representações sobre a cidade “pretendida” pelos poderes ligados à Igreja e ao sentido progressista que pretendiam dar a Sobral.

As notícias publicadas pelo jornal mostram um conflito da cidade progressista, da cidade sofredora de problemas estruturais, apesar das constantes notícias sobre as obras que se realizavam em prol das melhorias do espaço urbano. Também era lugar comum a divulgação de notas sobre a falta de cuidados com a cidade e a manutenção de seus espaços, da mesma forma que eram comuns as “chamadas” sobre o controle do comportamento da população.

Conta-nos que em breves dias vai ser demolido o velho mercado que tanto afeia a praça em que se acha localizado. Consta-nos ainda que o referido lugar vai ser transformado por iniciativa do senhor Prefeito Municipal, em um dos mais belos jardins da Princesa do Norte e substituído aquele calçamento por outro, à altura do progresso de nossa querida urb. (CORREIO DA SEMANA, 18 mar. 1941)

A ideia de progresso era sentida em todas as notícias publicadas no jornal, mesmo quando soavam como críticas ao poder público ou mesmo à população. Na nota, acima, percebe-se a preocupação com o embelezamento dos espaços públicos de Sobral, condizente com a tão desejada modernidade apregoada. A comum existência de elogios e de reclamos, quanto à cidade, conviviam lado a lado no jornal. Eram notas pequenas, na maior parte das vezes denunciando que a cidade moderna apregoada era, também, uma cidade de “maus hábitos” e de problemas na estrutura urbana, como a que foi publicada com o título “Um alvitre”, que realiza uma crítica ao descaso do poder público quanto à manutenção dos monumentos da praça: “Parece-nos que já era tempo de substituir a água da conhecida lagoa, à Praça do Barão de Sobral, por outra mais limpa e mais nova.”

O desejo de modernidade era grande, mas conviviam com as dificuldades de uma cidade que ainda tinha muito a crescer. Havia problemas de toda ordem, desde o crescimento desordenado à falta de serviços básicos, como água, luz e sistema de transportes e estradas, citados nas páginas do *Correio da Semana*, onde algumas vezes era divulgada a imagem que seus habitantes dela construíam.

De retorno do Rio ou de Fortaleza, tem-se, ao penetrar em Sobral, uma impressão simplesmente desconcertante. A princesa parece exilada no sertão. Com isto vai perdendo toda a graça e elegância. Seu desasseio é flagrante; entulho por toda parte. Construções obstruindo ruas, tropas de muares sonolentos à sombra das árvores, no coração da cidade. Falta-nos o telefone, não temos linhas de ônibus nem de bondes. Nem sonhamos com serviço de esgoto e abastecimento de água, não temos luz durante o dia. Nada temos que nos assemelhe aos grandes centros, por ora, mas tarde teremos tudo isso. (IDEM, 28 jun. 1940)

A carta publicada no jornal mostra a comparação realizada por um habitante que, ao visitar a Capital do Ceará e mesmo a Capital do Brasil, deparamo-nos com um progresso e modernização bem à frente do que encontra na sua cidade natal, a qual tem pretensões de cidade moderna, ao se autodenominar Princesa do Norte e, no entanto, apresenta problemas básicos para a construção de uma urbanização modesta. Porém, após o desabafo da decepção, o autor preenche seus instintos de sobralense e finaliza com a esperança de que esses problemas serão facilmente “conquistados” pela Princesa do Norte.

Enfim, o jornal Correio da Semana, apesar de ser o maior divulgador das ideias de modernidade, também se apresentava como porta voz das omissões dos habitantes e do poder público, quanto à caminhada rumo ao progresso e à modernização. No entanto, o jornal também funcionava como meio divulgador das ideologias da Igreja e dos grupos políticos.

Verificamos que mesmo por meio da imprensa ideológica, como era o jornal Correio da Semana, também é possível perceber os anseios da população anônima, com espaço reduzido no jornal. No entanto, sempre havia espaço nas sessões de “reclamações” ou “denúncias”, as quais possibilitaram a visão de uma cidade díspare quanto às representações construídas e divulgadas, em contraste com as que sutilmente se inscreviam por meio de suas páginas.

2. Dom José: controle e civilidade em Sobral

Sobral viu e sentiu o esplendor do poder e da autonomia econômica, ainda no século XVIII, com a criação do gado, a exportação da carne seca e a plantação de algodão; sonhou com a permanência dessa autonomia, esvaída morosamente com a construção da estrada que a ligava à Capital, desejada por todos como símbolo do progresso tão almejado por seus habitantes e reivindicada pelo próprio Bispo:

De Excia. REVMA. Sr. Dom José Tupinambá da Frota ouvi a afirmativa de que já teve ocasião de pedir, pessoalmente, quando na capital da República às altas

autoridades, a construção desta estrada, que Sr. Excia. Revma. Considera de muita importância. (IBIDEM, 26 abr. 1940)

A notícia tende a mostrar Dom José como interventor sobre os assuntos da cidade, usando de sua influência como Bispo para intervir junto às autoridades. Podemos compreender essa intervenção com duplo sentido: por um lado, a veiculação dessa notícia fortalecia a imagem do mesmo como incentivador das transformações na cidade, por outro, a estrada traria ao Bispo louros oriundos da sua intervenção junto às “altas autoridades da República”. Em ambas interpretações sobre a cidade, desenvolvia-se e a ideologia de progresso e urbanização crescia, de certa forma associada à imagem do bispo.

Desde a elevação à condição de cidade, no ano de 1842, até a década de 1940, Sobral sonhou com o progresso e com o reconhecimento da sua soberania no Ceará, sonho alimentado pela ação do Bispo Dom José Tupinambá da Frota que, nos anos de 1918 a 1959, empreendeu um verdadeiro trabalho em prol da transformação da vida econômica, social e cultural da cidade, levantando a bandeira da “Defesa da moral e dos bons costumes”. [lema utilizado pelo Jornal Correio da Semana]

Com suas ações, Dom José estabelecia uma linha tênue entre a cidade e o prelado, não sendo possível perceber o que foi obra do Bispo e o que foi obra do poder público. Interferência esta realizada não apenas no esforço pela construção da estrada de ferro Sobral-Fortaleza, mas na “ordenação” da cidade de uma forma geral. Assim o jornal interpretava a ação do sacerdote:

Sobral, que sentes de perto os benefícios da religião, que te deu quanto de mais precioso tens – mostra o teu reconhecimento. A Santa Casa, sob cujo teto vem se abrigar a dor, a desventura do pobre. Os dois colégios, oficinas em que se cinzela a mocidade estudiosa que quer ser grande para engrandecer o Brasil. O seminário vergel em que se formam os formadores de homens. [...] Creações todas que representam uma soma incalculável de sacrifícios de um sacerdote, teu filho [...] (IDEM).

É possível perceber a exaltação ao trabalho do Bispo através dos “benefícios da religião” e de sua associação com o desenvolvimento da cidade e com a diminuição dos problemas sociais. Enfim, a Igreja, personificada no Bispo Dom José, interfere e transforma a cidade, ultrapassando suas funções de pregar a palavra de Deus aos fiéis e vai além, modificando os espaços e os comportamentos, através do controle e da intervenção que pratica.

Na década de quarenta, Sobral continuou o processo de transformação urbana com a inauguração do novo mercado pelo então prefeito Cel. Antenor Ferreira Gomes, Prefeito da cidade no período de 1935 a 1941, e que mantinha relações amigáveis com Dom José. O

poder do Bispo não era aceito por unanimidade: alguns falavam de suas pretensões políticas e outros ainda o acusavam de manipular o Prefeito. Estas pessoas eram vivamente refutadas pelo semanário *Correio da Semana*, do qual o Bispo havia sido criador e mantenedor:

Outro boato espalhou que Dom José seria o prefeito de Sobral ou pelo menos indicaria o nome de um homem que realizasse no governo do município as suas instruções e diretrizes. [...] Nada disso o Sr. Bispo de Sobral, profundo conhecedor dos homens e das coisas da terra, não tem por certo a ambição irrisória e injustificada, de prestígio passageiro e somente oficial. (IDEM, 10 maio, 1940)

A intervenção do Bispo na cidade não era bem aceita por todos, como seu próprio periódico sugeriu ao publicar uma resposta às acusações feitas a ele. A relação que o religioso mantinha com o poder público era entendida por alguns como controle ideológico e pretensão política.

A notícia sugeria que o Bispo Dom José era isento de ambições políticas. Mas essa isenção seria assim tão real? Por que razões o Bispo recusava convites que lhe trariam maior prestígio junto à Igreja, porém longe de Sobral? Um homem seria assim tão abnegado de orgulhos? Ainda na década de quarenta, do século XX, os conflitos existentes entre o Bispo e o Juiz José de Sabóia ganhavam destaque nas páginas do jornal, com o sugestivo título: “O anti clericalismo do Dr. José de Sabóia ao lado dos inimigos da igreja”. (*Correio da Semana*, 04 jan. 1947,p.1) A notícia apontava as discussões ocorridas entre o Bispo e o Juiz, em que o assunto reinante eram as disputas eleitorais do ano de quarenta e cinco, na cidade. Em reação às discussões entre ambos, o jornal veiculava na mesma edição, apenas em outra página, um apelo ao povo católico:

No próximo domingo, cinco do corrente, pelas 17 h, o povo de Sobral, por iniciativa da ação católica diocesana, Associação de Pias, operariado e família católica, promoverá uma grande concentração de solidariedade e apreço ao Exmo. e Revmo. Sr. Bispo diocesano, tão injustamente atingido em catilinárias políticas por causa de sua atitude desassombrada ao lado do Exmo. Sr. Arcebispo de Fortaleza que na circular de numero 64, traçou as diretrizes católicas para o pleito de dezenove deste mês. (IDEM, 04 jan. 1947, p.2)

Mais uma vez as ações políticas do Bispo eram levadas a público pelas páginas do jornal e novamente Dom José utilizava-se dele para defender-se e pedir apoio do público. Fato importante de ser destacado é que o conflito se deu por oposições políticas, chegando o Bispo a associar José de Sabóia aos comunistas, deixando claras as posições políticas tomadas pela Igreja, da mesma forma que através do apelo popular move uma situação partidária, beneficiando os filiados à União Democrática Nacional (UDN).

O Bispo Dom José também se utilizava desse jornal como escudo para defender-se dos ataques que sofria de alguns indivíduos insatisfeitos com suas ações e também como espaço de defesa de seus interesses. O jornal fazia as vezes de defensor do povo e da cidade, usando suas páginas com instruções a serem seguidas e obedecidas por todos os “cidadãos de bem”. Através delas eram proferidas críticas à cidade e ao comportamento daqueles que ousavam destoar da moral católica e da ordem, sendo um dos meios de fortalecer o “processo civilizador”, (Cf. ELIAS, 1994) iniciado na cidade desde o século XX.

É importante situar que essa atitude do Bispo estava relacionada com o processo de romanização que a Igreja desenvolvia durante a formação dos padres. Tal processo teve início ainda no século XIX, com a tentativa de moralizar as suas ações, além de iniciar um movimento de romanização, que simbolizava um maior controle da Igreja Católica Romana sobre o clero brasileiro, buscando facilitar o processo de transição do catolicismo colonial ao catolicismo universalista. (DELLA CAVA, 1985, p. 86.)

Como a educação religiosa do Bispo Dom José ocorreu em Roma e dele ter chegado a Sobral em meados do século XX, conclui-se que a política por ele assumida na cidade era a política de romanização, cuja meta era trabalhar em favor do fortalecimento da fé cristã e combater as ideologias e religiões, opositoras ao catolicismo. O Bispo era forte representante do “ultramontanismo”, movido pelas determinações do Papa Benedito XV, com uma ação direcionada à implantação de políticas sociais marcadas por um clima de cristandade acentuado.

É notável o número de artigos publicados no jornal Correio da Semana contra as religiões protestantes, nas primeiras décadas do século XX, assim como ao comunismo, apontado como a “ameaça vermelha”, o qual levaria a sociedade à degradação e ao atraso.

Além dessas atitudes protecionistas e divulgadoras do credo romano, o Bispo também assumiu um papel intervencionista nas questões da cidade, como citado anteriormente frente às obras de apoio popular que o mesmo desenvolvia. Quanto à moralização política da Igreja, ponto importante no postulado da romanização, o Bispo intervinha diretamente nas situações políticas e institucionais de Sobral, levando-o, em alguns momentos, a ser acusado por seus inimigos “inimigos” de ter interesses de ingressar na vida política da cidade.

A civilidade é perseguida pela cidade, inclusive pelo Bispo Dom José, como forma de superação e expansão. Neste sentido, a Igreja vai ser um dos principais ordenadores desse processo, aliada ao poder público. Portanto, a “civilização” conserva sempre um eco da cristandade latina e das Cruzadas de cavaleiros e de “senhores feudais”. Afinal, ela é a

espinha dorsal da sociedade moderna, que busca através desta civilização dos costumes e comportamentos o progresso da cidade. (ELIAS, 1994, p. 67)

A década de quarenta foi marcada principalmente pelo centenário da cidade e pelo I Congresso Eucarístico, quando o Bispo comemorou vinte e cinco anos de bispado e recebeu o título de Conde Romano. As festas de comemoração foram intensamente divulgadas e incentivadas através das páginas do periódico *Correio da Semana*:

Nossa cidade receberá milhares de pessoas que virão assistir às festas religiosas do congresso bem assim as festas centenárias. Faz-se mister que nossa terra se apresente à altura dos nossos ilustres convidados. A sua roupagem antiga vai ser substituída por veste de gala. (*Correio da Semana*, 18 abr. 1941)

A civilidade que o Bispo Dom José almejava ocorria através de sua intervenção na cidade com a veiculação de normas de comportamento e convencimento e da necessidade da participação popular no processo de ordenação dos espaços urbanos. As notas no jornal, solicitando a limpeza e reforma de casas e calçadas, a utilização das melhores roupas geravam nos habitantes a sensação de participar na construção da cidade desejada. Isso nos remete à formação dos saberes que criam ideologias sobre as cidades, “constructos intelectuais”, dando-nos a possibilidade de entender esta cidade através das representações que sobre ela são produzidas (BRESCIANNI, 1998, p. 242).

Entre a ordenação e transformação da cidade emergia, também, nas folhas do semanário, a insatisfação dos habitantes com os problemas urbanos que atrasavam a marcha rumo ao progresso e mereciam destaque e indignação de toda a população. Dentre as reclamações principais encontram-se a estrutura das ruas e má qualidade da luz elétrica, problema que persistiu até a década de sessenta e garantiu várias notícias no jornal, a exemplo da matéria “Sobral e suas possibilidades”:

Precisamos de água encanada, luz melhor e mais prolongada, pavimentação moderna nas ruas e praças, de meios de locomoção através da cidade, que pelas suas dimensões e intenso movimento já poderia ter alguns ônibus, subsidiados pela Prefeitura Municipal, para melhor servir a população etc. etc. Tivéssemos logo isso, e o aspecto da cidade seria outro. Esperemos. (IDEM, 27 ago. 1943, p.3)

Os problemas que atrasavam a chegada do progresso eram questões existentes em toda cidade que crescia sem planejamento: a falta de água, eletricidade, transporte e comunicações. O surgimento de ruas, casas e bairros sem planejamento sem a mínima estrutura necessária para a higiene eram problemas logo apontados pela população e cobrados à Prefeitura, que aparentemente estava mais preocupada com a urbanização e embelezamento do centro da

cidade do que com o crescimento desordenado da cidade e as condições de vida das classes menos abastadas, como nos revela a nota:

Consta-nos que, nestes poucos dias, terá início a pavimentação e o ajardinamento da velha Praça Barão do Rio Branco. Dispondo de poucos recursos econômicos é bem provável que o senhor prefeito municipal se veja na contingência de paralisar a construção da escola de artes e ofícios para a realização deste novo e custoso empreendimento. (IDEM)

Em meio aos problemas estruturais, a cidade não parava de crescer e remodelar-se. Durante toda aquela década, ao contrário dos administradores públicos, o Bispo Dom José continuava intervindo na cidade, através da reforma das principais igrejas, da construção do Patronato Maria Imaculada, que cuidava e educava as mocinhas pobres, do Abrigo Coração de Jesus para os velhos abandonados e talvez da sua maior obra: a organização do acervo do Museu Diocesano.

Percebemos que as intervenções realizadas pelo Bispo Dom José tinham além do progresso, o direcionamento para o setor social, a busca pelo atendimento das necessidades dos menos afortunados expressavam a influência da romanização sobre o Bispo e suas formas de “intervir” na cidade.

No entanto, é importante ressaltar que todas estas obras eram realizadas pelo Bispo com o apoio financeiro dos seus fiéis, que tinham os nomes publicados no jornal com a quantia que tinham contribuído. Quando esses incentivos não aconteciam de acordo com o esperado, o Bispo recorria ao jornal para lembrar a todos a importância da “doação” de fundos para a construção do patronato:

Ainda não recebemos dos poderes públicos o auxílio necessário que esperamos em breve conseguir, e nesse ínterim não podemos prescindir do concurso das pessoas de boa vontade, para quem apelamos no sentido de ajudarem o patronato com os donativos, de qualquer natureza que estiverem ao seu alcance (IDEM, 14 abr. 1944).

O comportamento socialmente aceitável pela Igreja era o da colaboração de todos com a ajuda aos mais necessitados. Novamente Elias (1994) torna-se essencial para compreender a cidade de Sobral e seu comportamento. Afinal, não devemos condenar ou punir os não civilizados, mas proporcionar-lhes a consciência da diferenciação entre as classes. Diferenciação esta que a cidade, apesar de não declarar, representava através de suas ações e das impressões que causava ao levar ao público uma nota intitulada “Cemitério dos Pobres”:

Acha-se em lastimável estado de conservação o cemitério dos pobres. Não queremos de forma alguma censurar os fiscais da prefeitura, mas não somente lembrar-lhes a necessidade de fazer-se o desmatamento do Campo Santo porque a decência e a piedade cristã o exigem. (IDEM, 28 maio 1946)

As obras realizadas por Dom José, em grande parte, eram voltadas para o atendimento da população carente. Essas obras sempre contavam com o apoio das pessoas mais abastadas, que se orgulhavam de ver seus nomes registrados no jornal com a quantia contribuída. Tais obras sociais discretamente sugeriam a existência na cidade de pessoas com baixo poder aquisitivo, pois é possível notar que mesmo com certo “silêncio” em relação aos pobres, o poder público, assim como a Igreja, não deixava de delimitar seus espaços, como frisa a nota ao ressaltar o “cemitério dos pobres”, sugerindo a existência de outro local onde os “pobres” não podiam ser sepultados. Novamente o Prefeito era chamado à atenção em relação às suas atribuições, no que se refere ao planejamento e manutenção da cidade.

O progresso e a modernização não estavam em todos os espaços da cidade, havia lugares onde ainda prevalecia o desordenamento urbano, calçadas em péssimas condições ou inexistentes. O Correio da Semana denunciava: O centro da cidade, com “os caixões de lixo que estão por aí [...] forçando-nos a andar com o lenço no nariz”, (CORREIO DA SEMANA, 28 maio 1946); ou mesmo, o crescimento do subúrbio da cidade com a nota intitulada “Outro lado da cidade” (IDEM, 17 abr. 1949). O jornal constantemente apresentava pequenos fragmentos denunciando os maus usos do espaço urbano, que iam contra a ideia de civilidade e progresso que Sobral queria representar. Notamos que a Prefeitura sempre era convocada pelos jornais a tomar medidas que solucionassem esses problemas, além dos males sociais do crescimento desordenado e sem planejamento.

Enfim, Sobral alcançou na década de quarenta seu esplendor, apesar de tão alardeados problemas que impediam a chegada definitiva do progresso, como a má qualidade do fornecimento de energia elétrica e a tão desejada estrada de ferro que a ligaria a Fortaleza. Ambos os desejos foram alcançados dentro daquele período, no entanto, não trouxeram os louros da modernidade e do progresso tão almejados por seus habitantes. A cidade viu aos poucos esvair-se o controle econômico; o progresso chegou junto com os problemas estruturais de toda cidade, que crescia sem a economia equilibrada e sem planejamento. O centro urbano desenvolveu-se e embelezou-se, mas junto com ele cresceu também o número de bairros periféricos que ampliaram os problemas de abastecimento da água e saneamento básico.

O desejo de civilização, de modernização, era mesmo intrínseco à sua população, tanto é que a cidade e qualquer transformação que nela ocorresse merecia destaque nos jornais locais. Era comum o Correio da Semana publicar notas produzidas por jornais de outras cidades e até de outras regiões que noticiavam a respeito de Sobral. A cidade era um produto a ser consumido e vendido para seus habitantes e para o mundo.

Religião e progresso são palavras muito semelhantes quando falamos de Sobral, cidade originada a partir da construção da Capela de Nossa Senhora da Conceição, em 1726, de costas para seu habitante mais ilustre e mais fecundo no que se refere às riquezas que trouxe para Sobral, o Rio Acaraú. A igreja, para quem chega à cidade, é símbolo do poder da religião e do desejo de transformação e soberania.

3. O centenário de Sobral: organização e construção de um passado glorioso.

As comemorações podem ser entendidas como espaço produtor de memórias, ou melhor, de construção de memórias, em que se destacam a importância das celebrações, as quais fornecem os materiais a serem transformados em identidade, levando a refletir sobre o que é instituído como “fatos” a ser lembrado e comemorado. Nesse sentido, “a hierarquia de poder” condiciona as memórias da sociedade. (CONNERTON, 1933, p. 15)

Refletindo sobre o poder das memórias instituídas a partir das comemorações, ao influenciarem na constituição da ordem social do presente, somos levados a pensar sobre o poder que as “imagens” construídas durante essas festividades assumiam um caráter de tradição cultural. Elas se instituíam a partir da memória social (FENTRESS, 1992. p. 26), ou seja, a partir de um coletivo que partilhava “imagens” do passado, as quais ao levar em consideração as memórias pessoais, sofriam interferência das “recordações” sociais estabelecidas desde a absorção de um passado em comum, rememorado através de momentos como as comemorações.

Entendem-se as comemorações como “ação de falar ou escrever sobre recordações bem como a reencenação; recordar/comemorar enquanto tipo de comportamento (IDEM, 1992, p.8). Ora, sendo os preparativos das comemorações momentos de escolhas e de permanência de sentidos para relembrar, também é o momento da instituição de desejos a serem divulgados e de “verdades” a serem assimiladas pelo grupo que delas participam.

Nesse sentido, as comemorações do primeiro centenário de Sobral são revestidas de um passado glorioso para construir representações que instituíram tradições e espaços de

memória, ressaltando que esta memória extrapola o espaço local e afli para outros espaços, como é possível identificar nos patrocinadores do evento e homenageados durante as festividades.

Analisando os propósitos das solenidades comemorativas de Sobral, percebemos que ultrapassam o sentido das festas, feiras, exposições, inaugurações dentre outras manifestações e tendem mesmo a ser um momento de pensar sobre que representações esse evento quer fundar na história da cidade. Afinal:

Ao trazer à tona as mais distintas percepções do passado, tais festas revelam os conflitos da própria sociedade que comemora. O fato reforça a ideia de que o passado não está lá, mas aqui, só adquirindo sentido quando pensado nessa articulação dinâmica com o presente. (VELLOSO, 2000, p. 129)

No caso de Sobral, as comemorações deixaram como marco principal a produção do Álbum do Centenário, da mesma forma que a memória sobre a realização do primeiro Congresso Eucarístico, o qual acabou por se confundir com as festividades do Centenário, pois ambos aconteceram no mesmo ano e no mesmo período. Aparentemente somos levados a pensar que as celebrações do Centenário ecoaram como abertura do Congresso, que se iniciou um dia após a festa de aniversário de Sobral, estendendo-se por uma semana e deixando grande recordação na população.

A organização do evento foi realizada por um “grupo de intelectuais”, assim intitulados pelo jornalista Craveiro Filho. O grupo era composto por Dom José Tupinambá, Prof. Luís Phellipe, Jornalista Afonso L. de Carvalho, Dr. Euzébio de Souza, Cel. Antonio Pereira de Menezes, F. Potyguara Frota, Drs. José de Sabóya, Paulo Sanford e Luiz Vieira, Monsenhor Linhares, Luiz Diogo Fonteles, Wilsom Vieira, Luiz Patriolino, senhorinhas Izaly Lins, Ondina Pontes e pessoas da família Domingos de Lira e outros (CRAVEIRO FILHO, 1941). Como também fazia parte uma equipe técnica e financeira, denominada “Cyrineus” pelo organizador, a qual além do próprio jornalista ainda tinha como membros: Linérica Craveiro, Manoel Dário Senhorinha, Wilson Craveiro, François Coelho Sampaio, Francisco Carvalho, Fernando, Onofre, Maria da Assumpção e Maria Adília Alves.

Além da comissão organizadora, as festividades do aniversário da Cidade ainda contaram com a ajuda de particulares, no que concernia a patrocínios para a produção dos eventos. Na participação popular de organização das atividades encenadas para homenagear a Cidade, dentre as contribuições, destacamos o patrocínio dos comerciantes locais e da

Prefeitura, que através das reformas realizadas, também montou um cenário para as comemorações dos eventos.

A comissão organizadora, apoiada tanto pela Igreja como pelo poder público, instituiu uma grande campanha de mobilização para organização das festividades. Tal campanha atingiu diversas classes sociais nessa empreitada, as quais constantemente eram informadas sobre a necessidade do apoio popular, como chama atenção Andrade Lima Filho em carta publicada no jornal:

[...] Sobral tem origem pernambucana. Constitui desse modo, a antiga comuna, poderoso traço de união entre as duas províncias que sempre viveram unidas em função da grandeza nacional. Mas não estou aqui para escrever a crônica desta centenária cidade. Eu quero apenas frisar a oportunidade magnífica que esse centenário, este ano celebrado, oferece aos sobralenses de boa vontade. E os há, aqui, da melhor estirpe pelo nascimento ou pela integração em sua vida social. (CORREIO DA SEMANA, 24 jan. 1941)

Apelando para o sentido de identidade e pertencimento da população à cidade, as campanhas em prol de apoio às festividades permearam grande parte das notas publicadas no jornal, às vezes apelando de forma sugestiva de acordo com a nota acima citada, outras vezes sendo mais diretas quanto àqueles de quem queriam obter apoio para as festividades, como na nota veiculada pelo jornal, com o título “Apenas dois meses e dias”:

Nossa cidade receberá milhares de pessoas que virão assistir as festas religiosas do congresso bem assim as festas centenárias. Faz-se mister que nossa terra se apresente a altura dos nossos ilustres convidados. [...] Estamos informados que o senhor chefe da comuna, Cel. Vicente Antenor Ferreira Gomes, vai em breves dias, mandar consertar os trechos deteriorados das ruas. É de se esperar também que os senhores proprietários iniciem de já a pintura externa dos prédios, bem assim mandarão consertar as calçadas que se acharem estragadas. (IDEM, 18 abr. 1941)

Impressiona não apenas a organização das festividades, mas também a amplitude que essa data toma na construção de símbolos para a história da cidade, na busca de uma sacralização de seu passado. Portanto, as comemorações funcionam como forma de “utilidade social da história” já que são recursos visuais e ritualistas que evocam o passado com um objetivo único “criar representações simbólicas”, ampliando seu poder de fixação de tradições através de “lições vivas de memorização”. (ORTIZ, 1988, p.36)

Entendemos que a ideia de cidade moderna era o grande almejo da população e no papel de aniversariante, esse era o momento ideal para a produção e divulgação das representações que pretendiam ultrapassar as fronteiras locais e colocar Sobral no rol das cidades modernas e desenvolvidas da Nação.

Neste sentido foi organizada uma programação para sacralizar o passado glorioso, a partir do cenário progressista que a cidade naquele momento apresentava. Para isso foram programadas atividades cívicas, inaugurações, sessões públicas, exposições, atividades religiosas e manifestações populares.

Cabe aqui lembrar que o lugar social dessa comemoração estava diretamente ligado a determinado setor da população, denominado “intelectuais”, pois era ressaltado que nas manifestações populares incluídas na programação, elas eram representadas pela classe operária, que devemos lembrar, estava organizada em sindicatos.

Percebemos que havia um controle das comemorações pela “elite intelectual” da Cidade, que pode ser pensado como estratégia de dominação da memória da grande população, pois “nos rituais comemorativos, é possível o ‘reviver’” do passado que foi escolhido pelos guardiões da memória. O simbolismo de passado cria uma identidade para o presente”. (LOFEGO, 2004, p.26)

Observa-se que a organização dos eventos partiu de um grupo com o poder de escolha do que destacar e do que silenciar durante as comemorações. Nesse sentido pensamos que as transformações urbanas ocorridas naquele tempo, tais como as reformas e construções na Cidade tinham o intuito de associar a imagem da cidade ao progresso, esquecendo o passado de decadência relacionado à crise das oficinas e da produção algodoeira.

Novamente a memória surge como elemento principal no estudo sobre a comemoração, pois percebemos que a comissão organizadora instituiu um controle sobre o que devia ser lembrado durante o centenário da cidade, e o que devia ser silenciado, pois o significado da memória social, tal como “seu modo de transmissão”, não é modificado pela sua verdade. Muitas vezes ela é afetada pela seletividade e distorção, mas se as pessoas “sempre acharem socialmente relevante recordar e narrar um acontecimento da maneira como originalmente foi sentida”, a memória não será afetada em sua essência. O controle sobre as comemorações centralizou-se nas festividades e produção de representações, construindo uma memória que deixou pequenas brechas para agirem livremente sem as influências dos símbolos produzidos durante as festividades (FENTRESS, 1998, p.10).

Ainda sobre a organização da festa, é apontado que a imprensa teve papel fundamental, pois além de serem rotineiros os informes ou solicitações sobre os preparativos da festa, também teve amplo envolvimento de jornalistas na programação do evento e na produção das representações sobre a Cidade, com a elaboração de “ ‘O Centenário’: Álbum Histórico Comemorativo do 1º centenário da cidade de Sobral”, obra na qual foi sacralizado o passado glorioso e o presente modernista que a cidade almejava divulgar com seu aniversário.

4. A produção da comemoração.

Nos jornais da época, principalmente no Correio da Semana, encontramos diversas notas que se referem direta e às vezes indiretamente, aos preparativos para a festa. As informações contidas nele são ponto importante para a compreensão da construção da memória social sobre as comemorações, pois os “jornais procuram atrair público” (CAPELATO, 1994, p.15), conquistar adeptos a suas ideologias, seja ela “empresarial ou política” e, para isso, utilizam-se de múltiplos artifícios para atrair o apoio da população, como nos fala a pequena nota emitida pelo engenheiro agrônomo Paulo Sanford : “Deixamos aqui um apelo a cada filho de Sobral no sentido de que cada um apresente um número a figurar no longo programa de festas com que em janeiro de 1941, comemoramos o centenário da cidade”. (CORREIO DA SEMANA, 14 jun. 1940, p.2)

Observando os jornais da época, notamos que grande parte dos constructos da organização da festa estavam ligados à realização do primeiro Congresso Eucarístico, logo após o evento do centenário, levando-nos a refletir sobre os interesses que moviam essas comemorações. Neste sentido apontamos artigo veiculado no jornal, sob o título “Sobral movimenta-se”, destacando os diversos esforços dos envolvidos não apenas nas comemorações como também modernização da cidade:

Quem percorre as ruas desta cidade percebe, desde logo, a vibração intensa da alma sobralense, que se prepara alacrememente para as festas centenárias e, principalmente, para o futuro congresso eucarístico de Sobral. [...] Novas praças se ajardinam quer sob a iniciativa particular quer sob a administração imediata do senhor prefeito municipal, que muito se empenha por dotar a nossa urbs de um novo logradouro público, que tomará o nome segundo ouvimos de ‘Praça das Crianças’, e onde provavelmente serão celebradas as sessões públicas da grandiosa solenidade do Congresso Eucarístico. (IDEM, 20 set. 1940)

Detendo-nos no artigo refletimos acerca das linhas imperceptíveis que ligavam os dois eventos. Ambos eram apresentados como continuidade de um único evento, da mesma forma que nos levaram à percepção de que eram organizados pelo mesmo grupo. Outro ponto importante de destaque foram as reformas pelas quais passava a cidade, assim como eram demonstradas que não constituíam atos apenas do poder público, mas também de particulares. Ainda nesse artigo há um apelo dirigido à Prefeitura para ampliação das reformas, como destacamos a seguir:

É pena que muitas ruas não tenham o meio fio das calçadas, nem estejam aplanadas. A nosso modo de ver, é este o ponto de partida para o melhoramento do aspecto urbano e confiamos que esta necessidade não escapará à observação da prefeitura. Enquanto isso as obras da Cathedral se aviam celeremente, dando a certeza de que a festividade da Imaculada Conceição já será neste ano no seu vestuto templo sagrado. (IDEM)

O jornal, que representava “a voz de Dom José”, faz menção às obras que ainda necessitavam ser realizadas pela Prefeitura. Novamente podemos perceber as intervenções sugeridas pelo Bispo, que faz questão de mostrar a seus leitores o desenvolvimento das obras realizadas pela Igreja, através da reforma que realizava na catedral, sugerindo que o poder público deveria apressar as obras e deter mais atenção para as festividades que se aproximavam.

No entanto, no ano de 1941, quando foi comemorado o primeiro centenário da cidade, o acontecimento, ao se tornar um processo elaborado por uma comissão e, mais que isso, ao receber o apoio e incentivo da Igreja, ao realizar seu primeiro Congresso Eucarístico, também comemorou o jubileu de 25 anos de fundação da Diocese. A programação foi divulgada pelo jornal Correio da Semana, com o título de “festejos do centenário”:

Dia 25:

Missa Campal às 6 há na Praça da Cathedral.

9h – abertura da exposição regional agro pecuário – comemorativa do centenário.

13h – Sessão cívica no Paço Municipal. O jornalista Craveiro Filho entregará ao Exmo. Sr. Interventor federal, um exemplar do Álbum do Centenário.

19h – Inauguração da Avenida Getúlio Vargas.

20h – Festejos populares no recinto da exposição.

Dia 26:

18h – Inauguração da Av. Menezes Pimentel

Dia 27:

17h – Desfile das Escolas, manifestações da classe operária e conservadora da cidade. (Correio da Semana, 13 jun. 1941)

Embora os ideais de realização do primeiro centenário não tenham atingido todos os anseios de seus organizadores, eles conseguiram mobilizar os participantes de todos os setores da sociedade. O calendário da programação leva-nos a refletir sobre a participação popular nas comemorações, pois os jornais silenciaram após as comemorações, nem fizeram

referências à forma de distribuição do álbum produzido na ocasião. No entanto pelo caráter do lançamento desse álbum, segundo a programação, fomos induzidos a pensar que o mesmo teve distribuição restrita.

5. Craveiro Filho e o Álbum do Centenário

Antonio Craveiro Filho era natural de Sobral. No entanto, estudou e iniciou seus trabalhos na cidade de Belém, voltando para a cidade natal em 1910, onde fundou o jornal O Tupã e mais tarde, em 1916, A Ordem. Antonio Craveiro Filho teve uma vida ligada às letras. Além de jornalista era poeta e membro da Academia Sobralense de Letras, sendo um de seus fundadores.

Na vida de jornalista envolveu-se com as letras e a arte, tanto em Belém como em Sobral. Atuou também como suplente de Juiz de Direito em Sobral, durante o Governo do Dr. Moreira da Rocha, nomeado pelo Dr. Menezes Pimentel, interventor federal. Antonio Craveiro Filho era um dos idealizadores da cidade, membro da elite local e amigo do Bispo Dom José, sendo por essas razões um dos construtores da ideia de “Sobralidade”, ou seja, um dos produtores de representações da cidade. Durante as comemorações do centenário esteve à frente da comissão de organização e na sua gráfica produziu o álbum sobre o centenário, o qual ganhou destaque durante as comemorações ao ser realizado ato cívico para lançamento, contando com a presença do Interventor Federal.

O Álbum Histórico Comemorativo ao Primeiro Centenário da Cidade de Sobral contou com o apoio da Prefeitura, da Igreja e de patrocinadores particulares vinculados à cidade, em especial, do comércio, o que mostra a união de diversos setores culturais e institucionais em torno das comemorações do centenário da cidade. É importante salientar que entre os patrocinadores ganharam destaque algumas manifestações de “orgulho” propagadas dos patrocinadores, as quais aparecem dispostas no verso das páginas que veiculam as representações do acontecimento que se pretendeu homenagear.

Analisando as propagandas dos patrocinadores do evento, é notável a presença maciça de firmas de outras regiões, ganhando destaque as empresas de Fortaleza e de outras capitais. É interessante perceber que do total de cento e sete anúncios, apenas trinta e três (33) são de empresários sobralenses, sendo sessenta e cinco (65) destes oriundos de patrocínios de

empresas de Fortaleza, três (3) do Rio de Janeiro, um (1) de São Paulo, sendo o restante de regiões próximas de Sobral.

Dentre essas propagandas destacamos que algumas se utilizaram de seu espaço de divulgação para homenagear a cidade aniversariante. Uma em especial nos chamou a atenção. A da loja de modas A Esplanada, situada no Rio de Janeiro, não hesitou em participar e congratular-se com a cidade natal de seus donos no centenário, dando destaque no anúncio veiculado no próprio álbum.



Fonte: O Centenário: Álbum Histórico Comemorativo do 1º Centenário da cidade de Sobral

A propaganda externa, além da homenagem à referida aniversariante, exalta seus desejos de modernização e sucesso, ao destacar em seu texto a importância de lembrar “tudo o que se tem feito, e o que se pretende fazer em Sobral”, fortalecendo a manutenção de uma memória sobre a cidade, como moderna.

Pensando as propagandas como uma forma de chamar atenção para a divulgação de produtos ou ideias, percebemos que ‘A Esplanada’ assume uma ordenação das mensagens a serem fixadas no público. Ao associar a divulgação de seus produtos à data celebrada, o centenário, apresenta um texto em que brinca com associações e imagens, que logo despertam o interesse dos leitores. Pensando que os vestígios também informam sobre determinadas

histórias, “presentes em textos sem o valor de documento oficial, dispersos sob a forma de sinais variados” (BARBOSA, 2007), concluímos que as propagandas presentes no álbum fortalecem as representações que se fundam durante as solenidades do centenário.

A representação mais relevante produzida nesse período foi o Álbum do Centenário, que através das suas duzentas páginas apresentou Sobral a partir de algumas fotografias da cidade, ou melhor, de seus principais espaços, assim como “contou” sua história a partir dos cidadãos ilustres e dos grandes momentos de desenvolvimento.

É interessante salientar “história ‘contada’ ” no álbum uma disparidade entre texto e imagens, o que nos leva a refletir sobre as intenções de seu organizador. Teria sido algo ocasional ou proposital? Verificamos que o mesmo apresenta uma diagramação falha, fato que o próprio organizador justifica ao apresentar uma nota final intitulada “Em Tempo”, fazendo uso de um provérbio popular para justificar as fragilidades da publicação: “Pedimos desculpas pela heterogeneidade da ortografia, verificada nas páginas do presente volume. A pressa, dizem, é inimiga da perfeição. Eis o que ella produziu não falando das deficiências de revisão, que não são poucas”.

A advertência de Craveiro Filho está bem mais direcionada à ortografia e visualidade do álbum do que às discontinuidades existentes entre conteúdo e imagens, levando-nos a entender que este ponto não foi observado como problema ou fonte de grandes preocupações pelo autor. Desta forma pensamos que ele organizou o passado a partir do sentido que pretendia dar a ele, como representação da cidade.

Entendendo essa discontinuidade do texto em relação às imagens, a partir da ideia de que existe “um descompasso entre a experiência vivida como tal e o relato possível que sobre ela se constrói” (Guimarães, 2006, p. 46). Concluímos que existe uma tensão entre a história vivida e a narrada, relação esta que se torna pensável como necessária à construção das representações a serem compartilhadas com o outro.

Entretanto, pensando a construção destas representações inseridas no processo da operação historiográfica (CERETEAU, 2002), somos levados a inferir que a narrativa poderia ter sido construída a fim de propiciar ao leitor a capacidade de realizar movimentos de fora para dentro. Afinal a questão da relação entre tempo passado e vivido pode ser perpassada por escolhas, o que aliás foi o grande propulsor na escolha dos signos que ganhariam destaque álbum.

Enfim, Craveiro Filho foi o organizador do que podemos classificar como o maior símbolo das festas do primeiro centenário da cidade de Sobral, o **Álbum do Centenário**. Analisando o sentido que tomam as comemorações como instituidoras de símbolos e memórias, concluímos que as festividades do aniversário de Sobral atenderam aos desejos de uma parte em especial da população, os “intelectuais”, os quais estando ligados tanto ao poder público como ao poder religioso, fortaleceram as representações sobre a cidade, em que a ideia de modernidade e transformação foi o grande símbolo defendido e até mesmo ‘comprovado.

Por outro lado, percebemos o silenciamento, quem sabe ausência, dos habitantes comuns, os quais tiveram pouca representatividade durante as festividades, se considerarmos apenas a presença das escolas e das agremiações dos trabalhadores nos desfiles públicos. O que nos leva a pensar que as comemorações do aniversário de Sobral foram construídas “por e para” a satisfação de um grupo específico de habitantes da cidade, cujos ideais e memórias foram instaurados como tradição. Os espaços selecionados e fixados foram ganhando eco, tanto localmente como fora de suas fronteiras territoriais. Entretanto, as antigas ligações com a Europa, antes alardeadas, foram substituídas pela relação “íntima” que a cidade mantém com o Império Capitalista dos Estados Unidos, chegando mesmo a ser denominada popularmente de *The United States of Sobral*.

Essa ideologia adotadas pela cidade na última década do século XX foi alvo da crítica corrosiva realizada pela **Revista Veja** (São Paulo, 30 set. 2009, p.144-146), ao analisar Sobral como uma cidade que, na primeira metade do século XX, tinha por influência do Bispo ideias europeizantes e que em fins do século XX, acatou as ideias de seu então prefeito, hoje governador, Cid Gomes, do estilo do *american way of life*, passando a adotar costumes e até mesmo tradições dos Estados Unidos da América. Enfim, Sobral e suas múltiplas representações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BEZERRA, Antonio. **Notas de Viagem**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1965.
- BRESCIANNI, Maria Stella M. **História e Historiografia das Cidades**. In FREITAS, Marcos Cesar (Org.) 2^a. ed. São Paulo: Contexto, 1998.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A Imprensa na História do Brasil**. 2^a.ed. São Paulo: Contexto, 1994.

CERTEAU, Michel. A operação historiográfica in **A escrita da história**. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CONNERTON, Paul. Cerimônias Comemorativas in **Como as sociedades recordam**. Oleiras: Celta, 1993.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. 2^a.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. , 1994.

FRENTRESS, James; WICKMAN, Chris. **Memória social**: novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Teorema, 1992.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Escrever a história, domesticar o passado in PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.) **História e linguagens**: texto, imagem, oralidade e representações. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

LOFFEGO, Silvio Luiz. **IV Centenário da cidade de São Paulo**: uma cidade entre o passado e o futuro. São Paulo:: Annablume, 2004.

ORTIZ, Renato. **AQ Moderna tradição brasileira**. São Paulo: brasiliense, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidades urbanas. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates*, 2000. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index3212.html>. Consultado el 13 abril 2008.

Revista Veja, v. 42, n. 2132. “The United States of Sobral”, 30 set. 2009, p. 144 - 146.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Como, mora?** Descobrimento, comemoração e nacionalidades nas revistas humorísticas ilustradas in *Sentidos da Comemoração*. São Paulo: Projeto História/PUC-SP, 2000.